

Sarney monta seu novo Maranhão

■ Amapá foi escada para o Senado e agora é sucursal de feudo político

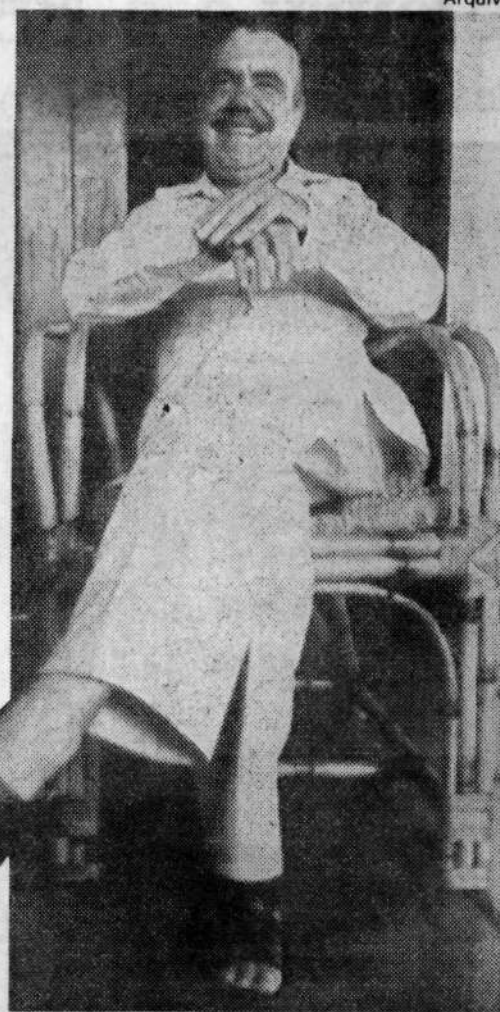
GUILHERME FIÚZA

MACAPÁ — O senador pelo Amapá José Sarney teve que sair às pressas da sede das Nações Unidas em Nova Iorque, deixando pelo meio uma reunião de ex-chefes de governo. Era setembro de 1992 e, em poucas horas, o ex-timoneiro da Nova República estava no município de Tartarugalzinho, no Amapá, onde tinha um compromisso inadiável (e talvez inconfessável aos colegas estadistas): subir no apertado palanque do candidato a prefeito Altami Mineiro, do PMDB, e fazer de seu comício uma arrancada para a vitória.

Tamanho interesse pela prefeitura de uma cidade de menos de cinco mil habitantes, distante 230 quilômetros de Macapá, seria incompreensível para um político pára-queidista do Maranhão, acusado de usar um estado recém-criado como trampolim para o Senado. No entanto, Sarney parece ter enxergado no Amapá uma sucursal para seu poder pessoal e está trabalhando firmemente para transformar o ex-território da União num território do PMDB.

Ao contrário do que se imagina, Sarney vai pelo menos uma vez por mês ao Amapá. O saldo de suas proposições legislativas e benfeitorias em favor do Amapá, porém, não é comparável à intensidade de sua discreta ginástica pelos bastidores da política local.

No final do mês passado, o jornal *Folha do Amapá* denunciou uma suposta manobra de mestre do senador. A CPI que investiga a corrupção no governo Annibal Barcellos (que chegou a ser afastado, mas retornou através de liminar) só pôde ser instaurada porque oito dos 18 deputados governistas formaram repentinamente o Bloco Independente (leia-se pró-Sarney) e votaram a favor da CPI.



Arquivo

Sarney: próximo passo é eleger governador

O interesse velado da manobra, segundo editorial do jornal, seria alçar ao posto de governador o vice Ronaldo Borges, do PMDB. Em tempo hábil, este se desincompatibilizaria para viabilizar a candidatura ao governo de seu irmão, Geovani Borges (PMDB), prefeito da cidade portuária de Santana, que seria o *homem do Sarney*.

A principal realização concreta do senador Sarney em favor do Amapá foi a transformação do estado em Zona de Livre Comércio. No entanto, o efeito inicial da medida foi negativo, como admite o ex-prefeito de Macapá João Alberto Capiberibe, que mantém um

bom relacionamento com Sarney. "O projeto da Zona de Livre Comércio causou uma migração descontrolada para Macapá e Santana. Trouxe a marginalidade, os camelôs e a violência urbana, que não existiam no Amapá", lamenta Capiberibe.

Mas nada parece capaz de abalar a popularidade de José Sarney entre a população amapaense. Se as mães não levam mais suas crianças para Sarney abençoar, como ocorria durante a campanha eleitoral de 1990, o respeito e a lealdade ao senador não sofreram nem um arranhão. Para o amapaense, Sarney caiu do céu, mas não é pára-queidista.

"Esse é o homem", exalta um funcionário da pousada ecológica Sonho Meu, na periferia de Macapá, vestido com uma das 100 mil camisetas distribuídas há três anos pelo candidato Sarney (a população do Amapá não chega a 300 mil pessoas).

No meio político, a unanimidade desaparece. "Sarney só vem ao Amapá fazer política. Não tem responsabilidade com a região", acusa o prefeito de Serra do Navio, José Maria Lobato, do PT. Mas a resistência ainda é fraca perante o Midas da política amapaense. Dos oito deputados do Bloco Independente, dois já se filiaram ao PMDB e a expectativa é de que os outros façam o mesmo.

"Com muita classe e discrição, Sarney está absorvendo no PMDB todos os políticos do PFL, do PDS e do PRN", analisa o editor de Política do *Jornal do Dia*, Amaro Lopes. Nem o PSDB resiste ao fenômeno Sarney. O prefeito tucano de Macapá, Papaléo Paes, que vive às turras com seu partido, não esperou nem uma semana para asfaltar o trecho da Avenida Carlos Gomes onde o senador comprou sua nova casa, recentemente.

A nova residência de Sarney fica numa região conhecida como *Península dos Corruptos* (conjunto de mansões construídas por gente que enriqueceu rápido), mas o estigma não deverá preocupá-lo. No Amapá, Sarney é o anti-Collor — portanto, o anti-corrupção. Continuará a receber discretamente o beija-mão mensal de políticos locais e a erigir seu feudo no Amapá, ou, para os íntimos, Novo Maranhão.